

Autor Principal: Alexandre Patricio de Almeida; Psicopedagogo; Psicanalista; mestrando em Psicologia Clínica na instituição Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; professor titular da Universidade Paulista/UNIP.

Coautor: Dr. Luís Cláudio Figueiredo; Psicólogo; Psicanalista; professor titular do programa de Doutorado e Mestrado de Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

TÍTULO: A IMPORTÂNCIA DA ESCUTA COMO UM FATOR BILATERAL NA RELAÇÃO DE APRENDIZAGEM INFANTIL: UMA CONTRIBUIÇÃO DE MELANIE KLEIN

Quando nos referimos à psicanálise infantil, atualmente é possível observar um cenário clínico em que a principal causa de encaminhamento das crianças para os consultórios advém de problemas diretamente relacionados ao contexto escolar, ou seja, dificuldades de aprendizagem produzidas por fatores emocionais. Isso não é muito diferente de tempos atrás, quando Klein, delicadamente, registra em seu livro intitulado “Narrativa da Análise de Uma Criança” (1961) 93 sessões com seu paciente Richard, um menino de 10 anos, cujos sintomas estavam em um nível tão avançado que lhe impossibilitaram de frequentar a escola, mas com a intervenção enfatizada pela escuta e interpretação das angústias do paciente, Klein pode amenizar a dor psíquica de Richard e despertar seu desejo pela volta aos estudos. Esse trabalho pretende destacar, através de um estudo de caso articulado à teoria psicanalítica, a importância do aluno ser ouvido por seus professores, que devem proporcionar uma escuta que contribua para o alívio das dores emocionais que implicam em seu processo de aprendizagem. A sensibilidade de Klein que auxiliou Richard a superar suas inibições precisa estar presente na base da ação educativa.

Palavras-chave: Psicanálise, Educação, Aprendizagem, Melanie Klein.

TÍTULO: A IMPORTÂNCIA DA ESCUTA COMO UM FATOR BILATERAL NA RELAÇÃO DE APRENDIZAGEM INFANTIL: UMA CONTRIBUIÇÃO DE MELANIE KLEIN

Alexandre Patricio de Almeida

Luís Cláudio Mendonça Figueiredo

Não é de hoje que se sabe que muitas das dificuldades de aprendizagem estão relacionadas a diferentes causas emocionais. Também não é raro de encontrarmos profissionais da área educacional que através da sua prática docente, afirmam que crianças que possuem problemas para assimilarem conceitos escolares tem, em seu contexto familiar, questões pessoais e “complicações afetivas” que influenciaram diretamente em seu desenvolvimento cognitivo. Sobre esta ideia temos o exemplo de casos, que em muitas separações de casais, o filho desenvolve certa mudança em seu comportamento, tendo que ser encaminhado ao acompanhamento psicológico por não conseguir lidar com as modificações da dinâmica familiar. Episódios de morte e elaboração do luto também são motivos apontados por professores como sendo um dos principais fatores da desestruturação dos esquemas de aprendizagem das crianças que devolvem, após esses ocorridos, dificuldades para assimilar conteúdos abordados na escola. Não há como separar o processo de construção da aprendizagem da questão afetiva. Segundo Weiss:

Os aspectos emocionais estariam ligados ao desenvolvimento afetivo e sua relação com a construção do conhecimento e a expressão deste através da produção escolar. Remete aos aspectos inconscientes envolvidos no ato de aprender. O não aprender pode, por exemplo, expressar uma dificuldade na relação da criança com sua família; será o sintoma de que algo vai mal nessa dinâmica. Na prática, pode exprimir-se por uma rejeição ao conhecimento escolar. (WEISS, 2008, p. 25)

E são justamente os “aspectos inconscientes” (conforme a citação de Weiss), que percorrem o ato de aprender, que nos interessa nesse trabalho. Para assimilar algo o sujeito agrega as suas angústias, expectativas, aflições e seus conflitos nesse processo, sendo assim, seu “eu” não está sozinho nessa jornada, é necessário haver um desejo,

uma vontade de busca pelo saber. Além disso, é possível imaginarmos que se alguma pedra aparecer nesse percurso, a criança necessitará de estratégias para elaborar outro caminho.

Freud (1905) nos apresenta a ideia de pulsão do saber, artigo em que vinculou de forma bastante completa os termos: curiosidade, saber e conhecimento. Um dos modelos que Freud dispunha para pensar a pulsão de saber pode ser encontrado no caso do pequeno Hans¹. Segundo o relato do pai de Hans, este elaborara uma teoria pela qual pensara que “todos os seres animados possuem um ‘faz-pipi’”. Essas e outras teorias relatadas pelo menino de cinco anos envolviam uma fantasia relacionada ao que era desejado e ao que era temido.

A cada momento de nossa vida, há uma nova interrogação, e nem sempre conseguimos dar alguma resposta às nossas questões. É por isso que o saber e conhecimento (trabalhando de acordo com as ideias de Freud) avançam aos poucos, e para que ocorram de forma efetiva é indispensável que a criança se sinta segura e afetivamente acolhida em seu ambiente de aprendizagem formal – no caso, a escola.

Partindo de uma leitura da aprendizagem sob a perspectiva da Psicanálise, podemos destacar que a teoria psicanalítica chama de formações do inconsciente os sintomas, os sonhos, os chistes, os atos falhos e as lembranças encobridoras. Uma formação inconsciente é uma elaboração psíquica e simbólica cuja forma depende das inscrições subjetivas, ou da memória inconsciente, em um sujeito. Essas formações aparecem na cadeia discursiva (fala) do indivíduo, e podem ser escutadas ou não, isto é, a elas se pode dar um sentido ou não. Mais que isso, a escuta proporciona certo alívio, pois ao ser ouvida a criança sente-se importante em seu cenário educativo. A escuta aproxima professores e alunos. Entretanto, quando partimos desses ideais até agora apresentados, podemos pensar que para que haja eficiência educativa, é necessário que troquemos nossos professores por psicanalistas? Ao decorrer desse texto, mostraremos que não.

Para pensar na importância da escuta como um fator de redução das dificuldades de aprendizagem é imprescindível deixar de citar as contribuições de Melanie Klein. Klein teve (e ainda tem) grande destaque no cenário da psicanálise. Desenvolveu teorias que são motivos de discussões desde a sua época até os dias atuais,

¹ Neste ensaio de 1909, Freud traz o exemplo do tratamento psicanalítico de uma criança, relacionando-o às suas teorias sobre a sexualidade de 1905, complexo de Édipo, rivalidade fraterna, angústia de castração, curiosidade infantil, impulsos eróticos pré-genitais e, mais especificamente, o aparecimento de uma fobia e da sua transformação e resolução permitida pelo trabalho de análise.

causando controvérsias e polêmicas quando se arriscou a propor ideias que divergiam, em parte, do pensamento freudiano. A partir de Klein, os “pós-freudianos” começam a retomar a questão da dependência infantil, reconsiderando os fatores ambientais e a mediação do outro na estruturação psíquica da criança quando pensada psicanaliticamente, colocando-se em xeque o que no início, foi dado como inato ou constituído. Além disso, a Psicanálise nos mostra que o indivíduo já nasce com experiências, vivências, referências e valores que lhe foram dados desde bebê. Dessa forma, os professores não estão lidando com uma folha em branco que será preenchida, mas sim com um sujeito que já possui marcas inconscientes e conscientes obtidas através de sua história.

Uma das obras mais importantes de Klein, seu livro póstumo “Narrativa da Análise de Uma Criança” (1963), mostra uma pesquisadora mais madura e experiente, articulando a um detalhado relato de atendimento infantil suas teorias construídas durante seu percurso como psicanalista. Esta publicação servirá de referência para nosso estudo, pois nesta obra, Klein coloca os avanços de uma criança que estava tão comprometida com seus sintomas que deixou até de frequentar a escola, mas por meio de uma escuta atenciosa e as interpretações pontuais da psicanalista, o paciente conseguiu amenizar suas angústias e voltar aos estudos.

Richard – nome dado por Klein – tinha dez anos quando iniciou sua análise. Seu atendimento se deu em 93 sessões, estendendo-se por um período de quatro meses, e chegou ao consultório da analista após aparentar uma grande inibição progressiva de suas faculdades e interesses. Além disso, era bastante hipocondríaco e frequentemente sujeito a estados de espírito depressivos. (KLEIN, 1994)

Apesar desses fatores, Klein descreve que Richard era uma criança precoce e bem-dotada. Mostrava-se muito musical e revelou essa aptidão desde pequeno. Possuía um amor pela natureza e dotes artísticos acentuados. Sua mãe, embora não fosse doente no sentido clínico, tinha tendência à depressão. Não havia dúvida de que Richard era uma decepção para ela, embora tentasse não demonstrar, ela preferia o irmão mais velho, que havia sido muito bem-sucedido na escola e nunca lhe trouxera preocupações. O pai de Richard gostava muito dele e era bondoso, mas parecia deixar predominantemente para a mãe a responsabilidade de criar o menino. O fato de deixar sua cidade natal abalara muito o garotinho. Além do mais, a Guerra mobilizara todas as suas ansiedades e sentia-se muito amedrontado com os ataques aéreos e as bombas. (KLEIN, 1994, p. 20)

Lendo os trechos acima, muitos psicanalistas que atendem crianças já devem ter identificado alguns pacientes que possuem histórias bem parecidas com a de Richard, mas não podemos esquecer-nos de um detalhe: ele foi atendido no período final da Guerra (1945), portanto, o contexto era bastante perturbador. Hoje temos a desestruturação das famílias, pais extremamente ausentes e não comprometidos com a tarefa de educar e situações cotidianas que são bem traumáticas. Qualquer semelhança seria mera coincidência quando analisamos os contextos de épocas tão distantes.

Voltando ao caso de Klein, a análise descrita por ela é esclarecedora de várias maneiras, ainda que tenha permanecido inacabada, – Richard teve que se mudar da cidade em que era atendido – o livro apresenta diversas teses kleinianas, por exemplo, sobre a questão da escuta ser capaz de aliviar muitas angústias dos pacientes e tornar conscientes fantasias que estavam aprisionadas na obscuridade do inconsciente. À Richard, como ressalta a própria analista, não faltavam sensibilidade e inteligência para permitir que uma análise tão curta tivesse sido tão proveitosa. Destacamos parte dessa sensibilidade com dois trechos da última sessão:

- 1) Richard pediu a Mrs. K. que colocasse sua mão sobre uma folha de papel, e traçou seu contorno. Já havia traçado na mesma folha o contorno de sua própria mão. Essa folha de papel levou-a consigo. (KLEIN, 1994, p. 453)
- 2) Durante toda sessão Richard tinha lutado intensamente contra sua depressão, esforçando-se para não tornar a partida por demais difícil tanto para ele quanto, como parecia sentir, para Mrs. K.; havia tentado se apoiar na esperança de que voltaria a encontrá-la e de que continuaria sua análise em algum momento no futuro. (KLEIN, 1994, p. 454)

Com Melanie Klein, a fantasia inconsciente passou a estar no centro do trabalho analítico. Em Freud, escuta dos sonhos e linguagem; em Klein, escuta da fantasia pela observação das brincadeiras e dos jogos infantis, através de metáforas representadas. Klein defendeu uma escuta voltada para a dor psíquica, presente desde o início da vida. A partir disso, é possível pensar sobre os efeitos que a escuta e o vínculo de confiança estabelecido pela criança com um adulto pode representar diferenças significativas em seu estado emocional, envolvendo maior segurança e estabilidade.

Klein, ao final do livro, destaca a capacidade que Richard desenvolveu de superar uma perda, ocasionada pelo afastamento eminente de sua analista que tanto ele admirava devido ao final do tratamento. Isso representa os grandes avanços que foram construídos em sua estruturação psíquica para que ele amadurecesse de tal forma a ser capaz de lidar com suas frustrações e situações de abandono – não que Klein tenha abandonado Richard, mas conforme dito anteriormente, o tratamento teve que ser finalizado devido à dinâmica da Guerra e as alterações que a mesma causara na rotina da família de Richard.

Partindo dessa técnica brilhante elaborada por Klein e de suas contribuições teóricas iremos exemplificar, através de um caso escolar, a demanda afetiva que a criança leva para a escola e a importância dessa demanda ser correspondida pelo professor. O caso contado a seguir faz parte da vivência do autor Alexandre que trabalha como Diretor de uma escola particular na cidade de São Paulo.

F. é um menino que chegou a nossa escola com seis anos de idade trazendo em sua documentação o diagnóstico de autismo, que fora realizado por uma equipe multidisciplinar de uma clínica psicológica da cidade de São Paulo. A mãe apresentava no ato da matrícula uma acentuada angústia, nos mostrando o laudo e destacando a conclusão final em que dizia que F. era “incapaz cognitivamente de aprender”. Dissemos para ela tranquilizar-se já que a escola teria uma abordagem inclusiva e diferenciada às demandas dele.

Em janeiro, o ano letivo começou e com ele F. chegou para frequentar o primeiro ano do Ensino Fundamental. A professora o acolheu, fez as dinâmicas de apresentação, mostrou a escola para F. e também ao restante da turma – que possuía vários iniciantes. F. durante as primeiras semanas se mostrou bastante introspectivo, mas não apresentava traços de agressividade em seu comportamento, e também não se recusava em realizar as tarefas propostas pela professora. Pelo contrário, criou certo vínculo com ela, pois fazia as atividades e perguntava frequentemente se estava certo, enquanto as realizava. A professora percebeu muita insegurança em seu comportamento e desenvolveu atividades de interação com a turma, dinâmicas de aprendizagem e oficinas de apresentação de trabalhos, usando como base desta metodologia a oportunidade da confiança que F. estabelecera com ela e o fato de ele não recusar a fazer as atividades sugeridas. Nos intervalos que tinha na produção de uma tarefa e outra, F. contava histórias do seu contexto familiar, brincadeiras que fazia com seus primos, programas que assistia na televisão, passeios que realizava aos finais de

semana. F. adorava conversar com sua professora, que sempre estava disposta para ouvi-lo. Se sentindo mais seguro, F. passou a conversar também com seus amigos, demonstrando uma interação maior com a turma.

Em abril, F. estava bem socializado. Levava presentes para sua professora, fazia desenhos, cartinhas e bilhetes com corações e flores e sempre os entregava a ela. Começou a fazer desenhos para os seus amigos também.

O ano correu de forma muito saudável. A mãe de F. desenvolveu um respeito e amor enorme pela professora e consecutivamente pela escola. Participava de reuniões esporádicas com a direção e coordenação que davam a devolutiva do avanço de F. por meio de relatórios e as atividades desenvolvidas. A mãe estava muito confiante pelos avanços e amadurecimento de F. e isso também refletia na relação de ambos.

Quando chegamos ao mês de dezembro, F. estava completamente alfabetizado, possuía índices muito satisfatórios de aproveitamento dos conteúdos e estava inteiramente socializado com os colegas de sala. O laudo apresentado no início do ano, nunca mais havia sido citado pelos pais ou até mesmo utilizado como referência pelos professores.

Não nos cabe aqui questionar o diagnóstico dado por outros profissionais e nem a metodologia de intervenção que havia sido realizada com F. até a sua escolarização formal. De fato, ao entrar em nossa escola, F. trouxe consigo alguns traços pertencentes ao espectro autista, mas o que houve com eles?

Pensar nessa situação de exemplo de progresso cognitivo e emocional, nos remete a contextos idealizados como perfeitos para que o avanço da aprendizagem realmente ocorra: como uma ampla estrutura física, repleta de recursos materiais, com professores pós-graduados e especialistas em diferentes áreas. Contudo, nossa escola não atende a uma população de bairros nobres, pelo contrário está localizada na periferia de São Paulo. É importante colocar também que a professora tinha formação apenas em Pedagogia, desconhecendo conceitos fundamentais da Psicanálise. O que esse caso nos propõe, acima de tudo, é destacar a sensibilidade dessa professora que soube ouvir as demandas de afeto que F. trouxe em suas angústias que desenvolviam uma determinada introspecção. F. precisava falar! E falou. Falou e foi ouvido. Recebeu aquilo que esperava.

Klein também ouviu Richard e os resultados foram muito positivos. É preciso que hajam professores mais preocupados com a escuta de seus alunos do que o simples cumprimento de metas de conteúdos e a entrega de resultados quantitativos. A

Psicanálise pode e deve ser uma aliada ao conhecimento pedagógico, mas ao invés de se apoiar em um diploma que comprove essa especialização, o professor deve ser comprometido primeiramente com a formação humana.

Propomos, então, uma prática relacionada à escuta: um professor que deve ouvir as expectativas de seus alunos, as angústias dos pais e acima de tudo saber se ouvir, nos momentos em que suas demandas precisam de uma autoanálise. É na prática da “conversação” que acreditamos ser possível trabalhar os conflitos estabelecidos entre o educável e ineducável presente em todo processo educacional. É imprescindível considerar os afetos que provocam inibições intelectuais passageiras e sintomas que se expressam de forma latente, no espaço escolar. As palavras criam laços, diminui a distância entre educador e educando e talvez este seja o grande passo que precisamos dar para a construção de um futuro promissor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, Sigmund. “Análise de uma fobia em um menino de cinco anos” (1909). In: Obras Completas: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905). In: Obras Completas: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KLEIN, Melanie. Narrativa da análise de uma criança. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

KLEIN, Melanie. A psicanálise de crianças. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

WEISS, Maria Lúcia Lemme. Psicopedagogia Clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar, 13 ed. rev. e ampl., Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.